



ESPIONAGEM / Celulares de 16 líderes políticos integram lista de possíveis alvos do software malicioso Pegasus, criado por empresa de Israel para a captura de dados. O francês Emmanuel Macron seria um dos monitorados. Governos usaram programa contra opositores

O poder vigiado

» RODRIGO CRAVEIRO

O escândalo de ciberespionagem envolvendo o Pegasus, *malware* (software malicioso) produzido pela empresa israelense NSO Group, ganhou proporções ainda maiores com a revelação de que 16 líderes políticos foram considerados possíveis alvos de vigilância eletrônica. Entre eles, estão os presidentes Emmanuel Macron (França), Cyril Ramaphosa (África do Sul) e Barham Salih (Irã), além do rei Mohammed VI (Marrocos) e dos premiês Imran Khan (Paquistão), Mostafa Madouly (Egito) e Saad-Eddine El Othmani, também do Marrocos. Até então, acreditava-se que o Pegasus tivesse sido usado por governos para monitorar opositores e ativistas.

Segundo o jornal francês *Le Monde*, em 2019, os celulares de Macron, do então premiê Édouard Philippe e de 14 ministros foram selecionados para vigilância por meio do Pegasus. Um dos números usados pelo presidente figuraria em uma lista compilada por um serviço de segurança marroquino, adepto do *malware*. O governo do Marrocos nega a denúncia. “Encontramos esses números de telefone, mas obviamente não pudemos realizar investigação técnica no telefone de Macron”, explicou Laurent Richard, diretor do Forbidden Stories, à emissora LCI. “Isso não nos diz se o presidente foi realmente espionado, mas mostra, em todo caso, que houve interesse em fazê-lo”, assinalou Richard. O Palácio do Eliseu, sede do governo da França, limitou-se a classificar as denúncias como “muito graves”.

O grupo de jornalistas Forbidden Stories e a ONG Anistia Internacional tiveram acesso a 50 mil números de telefones selecionados, desde 2016, pelos clientes do desenvolvedor do Pegasus. Pelo menos 180 jornalistas, 85 ativistas dos direitos humanos, 65 empresários e 600 políticos seriam alvo da espionagem.

Diretor do diário *Riodoce*, em Culiacán (Sinaloa, México), o jornalista Ismael Bojórquez Perea contou ao *Correio* que, depois da morte do colega Javier Valdez Cárdenas, em 15 de maio de 2017, recebeu mensagens de texto suspeitas. “Enviamos os dados à Universidade de Toronto (Canadá). Meses depois, concluíram que tentaram invadir o meu celular. Não estamos seguros se eles conseguiram seu intento”, afirmou. “Sempre sentimos que o governo

» Palavra de especialista

Para o bem e para o mal

May Brooks-Kempler



Arquivo pessoal

“Ferramentas de ciberinteligência são desenvolvidas para fornecer dados às agências de aplicação da lei.

Mas coleta de informações pode ser feita para usos legítimos, como a identificação de pedófilos e de terroristas. Há possibilidade de essa tecnologia ser aplicada para limitar a liberdade de expressão, a democracia e a conectividade.”

CEO da empresa Helena-sec e expert em segurança cibernética, em Tel Aviv

» Fui monitorado...



Arquivo pessoal

“É muito importante que se investigue o caso. Estamos falando de ações do governo que são totalmente fora do marco legal. Muitas das pessoas vigiadas foram assassinadas. Aqui podem surgir responsabilidades criminais passíveis de punição.”

Ismael Bojórquez Perea, jornalista diretor do diário *Riodoce*, em Culiacán (Sinaloa), no México



András Pethő/Direkt36

“O fato de os nomes de 14 líderes mundiais estarem associados ao Pegasus mostra quantos abusos são possíveis com essas ferramentas. Não apenas para oprimir a própria população de um país, mas também para espionar líderes.”

Szabolcs Panyi, 35 anos, jornalista investigativo de Budapeste. Trabalha para o *Direkt36*, centro de investigação sem fins lucrativos

nos vigia de várias maneiras. Somos um meio crítico. No México, tanto o governo federal quanto em alguns estados, as autorida-

des têm vigiado seus inimigos políticos e jornalistas. Alguns dos repórteres vigiados com o Pegasus foram assassinados.”

Perea explicou que o caso se arrasta desde 2018, mas somente no domingo ganhou relevância. “Houve o surgimento de dados adicionais, como o fato de que mais de 5 mil pessoas sofreram invasões. O que todos devemos fazer — jornalistas e ativistas sociais — é reclamar que as coisas sejam esclarecidas e exigir punição”, disse o diretor do *Riodoce*.

Jornalista investigativo que levantou denúncias de corrupção contra o governo do premiê da Hungria, Viktor Orbán, Szabolcs Panyi foi espionado por sete meses com o Pegasus. “Parece que o Marrocos está por trás, pois é um dos maiores usuários do *malware* em termos do número de telefones associados a possíveis alvos marroquinos. No Marrocos, o governo parece interessado em vigiar o próprio rei”, contou.

Procurada pelo *Correio*, a Embaixada do Reino de Marrocos em Brasília preferiu não se pronunciar sobre o tema e enviou um comunicado da chancelaria de Rabat. Segundo a nota, o governo marroquino manifestou o seu “grande espanto” com a publicação de “informações errôneas em que autores (jornalistas estrangeiros) afirmam, enganosamente, que o Marrocos infiltrou-se nos telefones de várias figuras públicas nacionais e estrangeiras, por meio de software de computador”. “O governo rejeita e condena categoricamente essas alegações infundadas.”

A israelense May Brooks-Kempler, especialista em cibersegurança baseada em Tel Aviv, admitiu que a tecnologia de vigilância sempre busca evitar a detecção. “Spywares, como o Pegasus, podem ser instalados por meio do DNS (sistema de nomes de domínio), sem participação do usuário. Um spyware sofisticado pode replicar todo o conteúdo do celular, como chamadas, gravações de voz, arquivos etc. Foi reportado que o Pegasus é capaz de acessar remotamente o microfone e a câmera do telefone, dando ao controlador total conhecimento sobre o alvo”, explicou. Ela entende que é complicado aferir o grau de responsabilidade da NSO Group. “Ela vende apenas para países em que o uso é permitido pelo Ministério da Defesa. O problema é que, uma vez comercializado, a habilidade de restrição à utilização fica limitada.”

Bisbilhotagem cibernética

Saiba mais sobre o escândalo que abalou a comunidade internacional e alvejou vários líderes



O que é o Pegasus?

Um software espião (*malware*) da empresa israelense NSO Group, baseada em Herzliya, distrito de Tel Aviv.



Como se dá a invasão?

O programa pode ativar a câmera e o microfone de um smartphone a distância. Também consegue acessar os dados do celular. Pode ser instalado recorrendo ao phishing ou por meio de uma técnica que dispensa qualquer interação com o dono do celular.



Antecedentes

• Em junho de 2020, a Anistia Internacional observou que autoridades do Marrocos utilizam o Pegasus para instalar um aplicativo espião no celular do jornalista investigativo Omar Radi. A empresa NSO Group declarou-se “profundamente perturbada” pelas alegações.

• Em dezembro de 2020, o Citizen Lab confirmou a presença do Pegasus nos celulares de dezenas de funcionários da emissora Al Jazeera, do Catar.



A extensão do escândalo

Foi descoberta uma lista com 50 mil números de telefones ligados ao software Pegasus. Ela incluía 180 jornalistas, 85 ativistas dos direitos humanos, 65 empresários e 600 políticos, entre eles três presidentes, um rei, três primeiros-ministros e quatro ex-premiês.

Líderes na mira do malware



Emmanuel Macron, presidente da França



Cyril Ramaphosa, presidente da África do Sul



Barham Salih, presidente do Iraque



Mohammed VI, rei do Marrocos



Imran Khan, primeiro-ministro do Paquistão



Mostafa Madbouly, primeiro-ministro do Egito



Saad-Eddine El Othmani, primeiro-ministro do Marrocos



Saad Hariri, ex-premiê do Líbano



Rukana Rugunda, ex-premiê de Uganda



Romano Prodi, ex-premiê da Itália



Charles Michel, ex-premiê da Bélgica e presidente do Conselho Europeu

PERU

Presidente eleito acena a todos os matizes políticos

Um dia depois de ser confirmado pelo Júri Nacional de Eleições (JNE) como presidente eleito do Peru, o esquerdista Pedro Castillo deixou entrever que o novo governo será formado por figuras de diversos matizes políticos. “Estamos estruturando uma equipe de trabalho e vejo que há pessoas muito interessadas em contribuir no apoio a este governo, de todas as tendências políticas, pessoas que também não são políticos e que têm toda a disponibilidade”, assegurou Castillo, que deve assumir as rédeas do país em uma semana. Ontem, o próximo líder peruano recebeu cumprimentos do *Brasil* e dos Estados Unidos. A embaixada americana em Lima disse esperar estreitar os laços com o novo governo.

Ele anunciou que sua equipe convoca “a todos os técnicos, às

Bolsonaro deseja sucesso ao vizinho

O Ministério das Relações Exteriores brasileiro divulgou nota, na noite de ontem, na qual informa que o governo de Jair Bolsonaro “cumprimenta o senhor José Pedro Castillo Terrones por sua eleição à Presidência da República do Peru”. “Ao reafirmar a importância dos tradicionais laços de amizade e cooperação entre Brasil e Peru, o governo brasileiro faz votos de êxito ao presidente Castillo no desempenho de seu mandato e manifesta a disposição em seguir trabalhando em prol do bem-estar dos dois países, na defesa da liberdade e da democracia, e de toda a região”, diz o comunicado.

pessoas mais distintas e comprometidas com o país” para que se somem à equipe do novo governo. As declarações foram dadas à imprensa após Castillo sair do escritório do Registro Nacional de Identificação e Registro Civil (Reniec), no centro de Lima.

O professor de escola rural, que sempre usa um chapéu branco de copa alta típico dos camponeses de sua cidade natal, Cajamarca (norte), foi proclamado, na noite

de segunda-feira, presidente eleito do Peru, seis semanas depois do disputado segundo turno de 6 de junho. Ele derrotou a direitista Keiko Fujimori, filha do ex-presidente Alberto Fujimori, por uma diferença de 44.263 votos — 50,12% (8.836.380 votos) contra 49,87% (8.792.117). Após o anúncio da vitória, Castillo adotou um discurso conciliador. “Trago um coração aberto para cada um de vocês, aqui neste peito não há res-

Gian Masko/AFP



O esquerdista Pedro Castillo: “Trago um coração aberto para cada um de vocês”

sentimento”, declarou, no fim da noite de segunda-feira. “Eu convido a senhora Keiko Fujimori (...) a fazer o país avançar.”

A demora na proclamação do resultado ocorreu porque o JNE precisou resolver as impugnações de milhares de votos e dezes-

nas de apelações apresentadas por Keiko. A candidata derrotada denunciou “fraude” no segundo turno sem exibir provas conclusivas, apesar de os observadores da OEA, assim como os Estados Unidos e a União Europeia, terem dito que a votação foi limpa.

A governabilidade é um dos desafios de Castillo, depois de uma polarizada campanha e de um quinquênio governamental marcado por convulsões políticas, que levaram o país a ter três presidentes em novembro de 2020. “Peço tranquilidade, serenidade ao povo peruano. Esta é uma responsabilidade não só do governo, mas de todos os peruanos”, disse Castillo em uma alusão tácita a seus adversários na saída do Reniec, próximo ao cinquentenário Convento de São Francisco.

“Pedro foi fazer um trâmite pessoal (no Reniec), foi tirar seu DNI” (Documento Nacional de Identidade), explicou um portavoz de sua equipe. Castillo, de 51 anos, deve anunciar a qualquer momento os nomes de seu chefe de gabinete e ministros-chave.